

Pensar o impensado: uma leitura de *O filósofo e sua sombra*

Cleiton Nery de Santana¹

Resumo: Este artigo apresenta uma leitura do ensaio *O Filósofo e sua sombra*. Em um primeiro momento, descreveremos os principais conceitos da fenomenologia husserliana e a sua influência no pensamento de Merleau-Ponty. Em seguida, exporemos o distanciamento tomado por Merleau-Ponty do pensamento de Husserl para pensar aquilo que ele não pensou. Por fim, depois do percurso feito por Merleau-Ponty de um abandono progressivo da fenomenologia transcendental, apresentaremos a sua elaboração de uma ontologia da carne.

Palavras-chave: Merleau-Ponty; Husserl; Fenomenologia; Ontologia.

O Filósofo e sua sombra, ensaio escrito por Merleau-Ponty e publicado em *Signes* em 1960, tem o seu valor na vasta obra do filósofo francês por duas razões: primeiro porque ele retoma alguns temas tratados na *Fenomenologia da Percepção* e segundo porque ele começa a pensar uma ontologia do sensível, que será melhor apresentada em *O visível e o invisível*. Neste ensaio, ele é capaz de pensar aquilo que Husserl não pensou acerca do corpo e da sua relação com e no mundo, ao mesmo tempo que vai se distanciando da sombra husserliana para poder pensar uma consciência encarnada, favorecendo um novo horizonte para a inter-subjetividade.

O sentido que Merleau-Ponty emprega em seu ensaio à redução inter-subjetiva parte da leitura da obra *Ideen II*. Ele toma consciência da sua interpretação, invocando o impasse no qual se encontra Husserl. Até este momento da sua trajetória filosófica, Merleau-Ponty era fiel ao pensamento de Husserl, acerca do seu projeto de redução. Uma vez que o filósofo francês percebe os limites apresentados por Husserl, e que a vida do fenomenólogo alemão chega ao fim, ele é capaz de pensar aquilo que Husserl não havia pensado. Para ele, ao *ir “às coisas mesmas”*, há um verdadeiro preenchimento das intenções de significação por meio do corpo, uma vez que se compreende a redução inter-subjetiva.

A exposição dos temas apresentados neste trabalho segue a ordem do ensaio *O filósofo e sua sombra*. A primeira parte consiste em uma análise de “o filósofo e a sombra”, isto é, a vida e a obra de Husserl compreendidas por Merleau-Ponty. Em seguida uma apresentação do “impensado” por Husserl, que se torna

¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail. nery.sj@hotmail.com Graduado em Filosofia e Teologia pela FAJE. Mestrando em Filosofia pela PUC-SP.

para o filósofo francês o surgimento de uma nova filosofia. Ao final, algumas considerações que ajudam a perceber o lugar da ontologia no pensamento e na obra de Merleau-Ponty.

1 O filósofo e a sombra

Merleau-Ponty, no início do ensaio *O filósofo e sua sombra*, afirma que “toda comemoração é também traição”. Ele constrói um Husserl com seu próprio pensamento, pois ele, enquanto leitor, carrega em si a percepção do outro, que é o autor. Ele afirma que:

Diante de um filósofo, cujo empreendimento despertou tantos ecos, e aparentemente muito afastado do ponto onde ele próprio permanecia, toda comemoração é também traição, seja porque lhe prestamos a homenagem supérflua de nossos pensamentos, como se quiséssemos fornecer-lhe uma garantia a que não tem direito, seja porque, ao contrário, com um respeito cheio de distância, o reduzimos muito estritamente ao que ele próprio quis e disse.²

O filósofo não se reduz por causa dos comentários do leitor, mas Husserl já está para Merleau-Ponty como *outro-eu-próprio*. Ao fazer história da filosofia, há uma relação entre o filósofo de que se fala e o leitor filósofo. Elas são filosofias que se interpenetram, sendo difícil identificar qual filosofia é de qual filósofo. Ao interpretar uma obra filosófica, o intuito do leitor filósofo não é de “deformar” ou muito menos fazer uma leitura literal, mas de pensar o impensado pelo autor filósofo. Neste sentido, Merleau-Ponty afirma que “quando Husserl termina sua vida, há um impensado de Husserl, que é muito seu e que, no entanto, abre para uma outra coisa” (MERLEAU-PONTY, 1980, p. 241).

O leitor filósofo é convidado, partindo do filósofo autor, a pensar aquilo que ainda não foi pensado. A obra e o pensamento de um filósofo estão articulados entre as “coisas ditas”, que para o leitor filósofo não se apresenta como dificuldade entre a interpretação objetiva e a subjetiva. Mas, para Merleau-Ponty, o leitor é convidado “a pensar novamente”, isto é, a pensar além das “coisas ditas” pelo filósofo autor. O convite feito neste ensaio é para pensar o impensado de Husserl.

A dificuldade em compreender a obra husserliana se dá sobretudo por parte daqueles que conheceram o Husserl visível, e que se prendem a existência espaço-temporal do filósofo, pois para eles se torna difícil pensar para além do filósofo. Mas ao mesmo tempo há um impasse, pois não se pode pensar a sua obra sem considerar a sua vida. A sua vida esteve dedicada a originar um novo pensamento.

² MERLEAU-PONTY. *O filósofo e sua sombra*. In: *Textos escolhidos*. Trad. e notas de M. CHAUI. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção “Os Pensadores”), p. 239.

Mesmo que houvesse uma fascinação ou decepção pelo pensamento de Husserl, para muitos dos seus contemporâneos e discípulos só foi possível pensar além do mestre depois da sua morte. Com a sua maneira de pensar, isto é, colocando toda a filosofia na fenomenologia, Husserl questiona também a maneira de pensar dos seus contemporâneos.

Husserl começa uma nova fase de investigação na história do pensamento ocidental, dando as bases para a fenomenologia. Este começo feito por ele terá a sua continuidade na história da filosofia. Em sua obra *Ideen I*, ele afirma que os problemas da redução estão no início da sua investigação. Sob a sombra de Descartes, Husserl também se volta sobre o *Ego Cogito*. Ele duvida de toda ciência, da existência do mundo e até mesmo do seu corpo. Mas para que esta redução seja possível, ele não pode reduzir a consciência ao puro nada. A consciência tem o seu campo de percepção, tornando-se sempre consciência de algo (noema).

Na sua obra *Idenn II*, ele continua a negar um “sujeito puro” que se relaciona com as “puras coisas”. Desta forma, ele supera o pensamento cartesiano na relação entre o sujeito e o objeto, pois para ele, o conhecimento das coisas só se dá quando o sujeito perceptivo entra em relação com a coisa percebida. Diante deste pensamento, ao se referir a Husserl, Merleau-Ponty afirma que “no tocante às coisas, sabemos muito mais sobre elas na atitude natural do que a atitude teórica poderia dizer-nos e, sobretudo, nós o sabemos de maneira diversa (MERLEAU-PONTY, 1980, p. 244).

A reflexão fenomenológica, para Husserl “começa na atitude natural”. Esta análise das meras coisas (*blosse Sachen*), necessita passar pela “opinião antes de se chegar ao saber”. Husserl afirma que a atitude natural, isto é, que o homem está mergulhado em uma tese do mundo (*Weltthesis*), numa fé primordial (*Urglaube*) da realidade do mundo tal e qual ele o percebe. Esta atitude natural, prévia à reflexão, dá ao sujeito o acesso ao próprio mundo e não a uma representação dele. Assim, “o mundo se revela dissimulado-se no lusco-fusco da *doxa*” (MERLEAU-PONTY, 1980, p. 244).

Desta forma, Husserl inventa um caminho para uma fenomenologia transcendental, que permite ao sujeito através da redução fenomenológica “voltar às coisas mesmas”. Embora a redução fenomenológica, na sua fase primitiva estivesse sob a sombra do cartesianismo, Husserl pensa além de Descartes, encontrando a obviedade da existência do mundo, isto é, a vida do mundo (*Lebenswelt*).

2 Merleau-Ponty pensa o que Husserl não pensou

Se no início das investigações fenomenológicas, Husserl ainda se encontrava sob a sombra de Descartes, a mesma experiência também viveu Merleau-Ponty no tocante a Husserl. Merleau-Ponty afirma que:

O pensamento de Husserl é atraído tanto pelo turbilhão da consciência absoluta quanto pela exceção da Natureza. Na falta de teses explícitas sobre as relações de uma com a outra, só nos resta interrogar as amostras de ‘constituição pré-teórica’ fornecidas por ele, e formular – por nossa própria conta e risco – o impensado que acreditamos adivinhar nelas. Incontestavelmente, há alguma coisa entre a Natureza transcendente, o em-si do naturalismo, e a imanência do espírito, de seus atos e noemas. É neste sentido que é preciso tentar avançar.³

Para Merleau-Ponty, ao pensar com Husserl o corpo próprio como “coisa material objetiva”, ainda é possível perceber a sombra de Descartes no pensamento do fenomenólogo alemão. Se o corpo está no mundo, entre as meras coisas (*blosse Sachen*), isto não significa que ele é um mero objeto, pois uma primeira distinção entre o corpo e os outros objetos, é que o corpo possui um lugar no mundo de onde “ele vê” o próprio mundo. Em seguida, é no corpo que se percebe as outras coisas, pois assim ele afirma: “meu corpo é o campo onde se localizam meus poderes perceptivos” (MERLEAU-PONTY, 1980, p. 247).

Ao chegar a afirmação de que o corpo não é um mero objeto, Merleau-Ponty também se pergunta sobre o tipo de relação existente entre ‘o corpo e o eu’. Diante deste questionamento, ele responde que:

Há uma relação do meu corpo consigo mesmo que o transforma no *vinculum* do eu com as coisas. Quando a minha mão direita toca a esquerda, sinto-a como uma ‘coisa física’, mas no mesmo instante, se eu quiser, um acontecimento extraordinário se produz: eis que a minha mão esquerda também se põe a sentir a mão direita, *es wird Leib, es empfindet*.⁴

A mão ao tocar e ser tocada, dá ao corpo uma “espécie de reflexão”, fazendo dele ao mesmo tempo sujeito e objeto, corpo sentiente e reflexionante. Com esta descrição, Merleau-Ponty busca uma “reabilitação ontológica do sensível”. Mesmo que no corpo esteja “embaralhada” a distinção sujeito e objeto, da noesis e do noema, o mesmo se passa na coisa percebida, que é o “polo das operações” do corpo. Desta forma, a noesis e o noema ficam em uma situação semelhante, uma vez que o sujeito que exprime o seu ato noético, se encontra ele mesmo como sujeito noemático, isto significa que outro sujeito o apreende pelas mesmas características, que são noesis e noema.

³ *Idem*, p. 246.

⁴ *Idem*, p. 247.

À medida que Merleau-Ponty avança na reflexão, ele continua se distanciando do pensamento de Husserl. Ele afirma que o eu-sujeito é encarnação. Isto significa que a consciência perceptiva é uma consciência encarnada num corpo sentiente e reflexionante. Para Merleau-Ponty, o sujeito e o objeto se articulam, um sobre o outro, na experiência sensível. Por esta razão, ele passa de uma filosofia da consciência para uma ontologia do sensível. Assim, todo e qualquer tipo de conhecimento, todo e qualquer tipo de pensamento “objetivo” parte de um fato inaugural, que só é possível no e pelo sensível. Para ele, o “eu sinto” permite a abertura de possibilidade e o entrelaçamento enquanto sujeito corporizado e sujeito de percepção. O corpo não é apenas coisa na sua visibilidade, mas ele é o próprio instrumento de mediação e compreensão do mundo-sensível. Trata-se de perceber o corpo na realidade, ou seja, a experiência do corpo como integrado no e pelo sensível.

A mão direita ao tocar a esquerda sente o surgimento desta, e simultaneamente o surgimento do tato. Isto significa que não é apenas a consciência que é uma “coisa sentiente”, excitável (*reizbar*), mas também o meu corpo. Merleau-Ponty afirma que “as minhas duas mãos são ‘co-presentes’ ou ‘co-existem’ porque são as mãos de um só corpo; o outro aparece por extensão dessa co-presença. Ele e eu somos os órgãos de uma só intercorporeidade” (MERLEAU-PONTY, 1980, p. 249). Há assim, uma co-presença de tudo a todos. Há uma percepção sensível que se estende para além de uma qualquer cisão sujeito–objeto, e portanto, de um domínio pré-objetivo, não podendo por isso ser redutível a qualquer tipo de conceptualização.

Portanto, Merleau-Ponty apresenta nesta sua onto-fenomenologia a explicitação do corpo, da consciência encarnada, da consciência perceptiva, como experiência originária no mundo, ultrapassando, mas servindo-se da noção ontológica husserliana de mundo da vida. A onto-fenomenologia do mundo de Merleau-Ponty é a desvelação do sensível, campo reflexo dos sujeitos-corpos, experiência de reflexividade que se projeta no ser.

Considerações

O ensaio de *Signes, O Filósofo e sua sombra*, representa uma etapa decisiva no caminho que conduz Merleau-Ponty ao abandono progressivo da fenomenologia transcendental e à elaboração de uma ontologia da carne. A proposta de Merleau-Ponty neste ensaio é ontológica, isto é, ele ultrapassa as oposições sujeito e objeto.

A evolução do pensamento de Merleau-Ponty pode ser organizada em três etapas decisivas. Cada uma destas etapas representando à sua maneira um momento da ontologia da carne, que constitui o projeto ao mesmo tempo inaugural e último do filósofo. A primeira etapa se encontra nas teses desenvolvidas na *Fenomenologia da Percepção*, onde a problemática husserliana se transporta para o terreno do eu “natural”, do corpo próprio, compreendido como sujeito da percepção, e o qual a incompletude de constituição se torna um traço constitutivo. A temática da reflexão se encontra modificada em profundidade, isto é, a reflexividade do corpo se torna reflexividade primeira, que prescinde qualquer outra. A exacerbação desta reflexividade caracteriza a evolução ulterior do pensamento de Merleau-Ponty.

O ensaio *O filósofo e sua sombra* aprofunda a temática da reflexividade do sensível, por uma descrição renovada da experiência do duplo tocar, do entrelaçamento das mãos, já explicitado por Husserl. Este fenômeno é reinterpretado por Merleau-Ponty de tal forma que a questão decisiva não é mais a da reversibilidade do tocar e do tocado, mas a da sua reflexividade. Esta reflexividade não é mais apenas uma reflexividade imanente, ou seja, no sentido de uma imanência de si e de uma consciência, mas ultrapassa a natureza e o espírito para se universalizar. Esta universalização da carne toma uma dimensão maior, na medida em que o sensível “se sabe”, ele mesmo através do corpo, a carne e a coisa pertencendo a uma mesma textura sensível.

Por fim, a ontologia da carne se desenvolve mais completamente, apesar do não término, nos textos *O visível e o invisível*. A experiência do tocar–tocando se encontra uma vez mais presente, apesar de não ser mais considerada como uma experiência entre as outras, essencial para a apreensão do meu corpo enquanto carne, ela se torna o paradigma de toda experiência. A reflexividade do tocar se estende à totalidade do sensível, onde o mundo inteiro se torna um prolongamento da minha carne. A carne não pode mais ser pensada como uma região óptica particular, mas como abertura a um ser “vertical e selvagem”, isto é, um ser anterior a toda “representação e toda objetivação”. É neste sentido que se torna possível falar de uma “carne do mundo”. Esta noção de carne faz expandir os quadros da filosofia objetiva e mais ainda, da tradição metafísica. É este excesso que faz propriamente a originalidade do pensamento de Merleau–Ponty e que ainda hoje permanece aberta e impensada.

Referências Bibliográficas

HUSSERL, E. *Ideen zur einer reinen Phanomenologie und phanomenologischen Philosophie: die Phanomenologie und die Fundamente der Wissenschaften*. Haag: Martinus Nijhoff, 1952.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. Trad. C.A.R. MOURA. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

_____. *O filósofo e sua sombra*. In: *Textos escolhidos*. Trad. e notas de M. CHAUÍ. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção “Os Pensadores”).

_____. *O visível e o invisível*. Trad. J. A. GIANOTTI; A. M. D’OLIVEIRA. São Paulo: Perspectiva, 2014.

_____. *Signos*. Trad. de M.E. G.F. PEREIRA. São Paulo: Martins Fontes, 1991.